

Bombeiros dão vida ao Paranoá

Grupo de Busca e Salvamento orienta população sobre os perigos

A segurança de todos os usuários do Paranoá está sob a responsabilidade do Grupo de Busca e Salvamento do Corpo de Bombeiros. Instalada num quartel no Setor de Clubes Norte, ao lado do Motonáutica, a corporação tem como função básica o policiamento de toda a área, atividade realizada numa única lancha. Atualmente, a filosofia do trabalho tem preterido a repressão em prol da orientação. Como explicou o sargento Manoel de Jesus Barbosa da Silva, "o nosso comando não quer mais encontrar cadáveres, mas sim avisar o cidadão os perigos, para que mortes não ocorram".

Sábado, 9 horas. Ao lado dos soldados José Soares, piloto da lancha vermelha com capacidade para oito pessoas, e Luis Carlos Matos, o sargento Jesus comanda mais uma operação de patrulhamento do Paranoá. Ainda é cedo para encontrar grupos de velejadores, mas o Lago já vai mostrando alguns dos personagens habituais, além da sensação ímpar de se observar a cidade do seu coração hídrico.

CARTÃO POSTAL

A velocidade da lancha é de cinco nós. "O motor ainda está amaciando", explica Jesus. Melhor para quem está a passeio. Logo na saída, rumo à Asa Sul, depara-se com os belíssimos jardins dos Palácios do Planalto e do Jaburu. Visão inédita, não registrada em cartões postais. A água tem tonalidade verde e a presença de alguns ramos de aguapés é o único

indício de que o Lago é poluído.

Há 14 anos no Corpo de Bombeiros, o sargento Jesus passou para o Grupo de Salvamento após fazer curso de mergulhador. Ele conhece as profundezas do Paranoá e diz que o Lago não é bom para mergulhos: "Como a maioria das barragens, o Paranoá tem um fundo que praticamente não foi alterado quando de seu enchimento. Assim, além da pouca visibilidade da água, encontramos dificuldades com a existência de muitas galhadas e até mesmo de árvores inteiras. Aqui, só mergulhamos com um cabo. Como a visão é pouca, o mergulho é pouco atrativo".

A poluição causada pelo crescimento, hoje descontrolado, das algas microcystes aeruginosas não tem provocado mau cheiro. Alimentando-se do nitronio e fósforo desprendidos do material orgânico in natura que é depositado nas águas pelas duas Estações de Tratamento de Esgoto (Norte e Sul), as algas iniciam um processo de desenvolvimento que ultrapassa a capacidade de recepção do Lago.

Assim, quando ocupam em número elevado a superfície, as algas passam a vedar a passagem da luz. Com isso, as que estão nas camadas inferiores morrem, originando daí o mau cheiro e a formação de um extrato pastoso que precisa ser removido. Em 1978 o fenômeno aconteceu em grande escala.

ATIVIDADES

Tendo sempre um contin-

gente diário de 32 homens, o Grupo de Busca e Salvamento atende chamados no Distrito Federal e Goiás, face a especialização exigida. Além de mergulhadores, o grupamento conta com pára-quedistas e paramédicos, acionados em todas as circunstâncias que exigem técnicas de resgate, como acidentes automobilísticos, incêndios, recolhimento de pessoas mentalmente doentes e até operações esporádicas no Aeroporto Internacional: "Várias vezes nós já fomos solicitados para que ficássemos de prontidão no aeroporto, face a algum problema enfrentado por uma aeronave", contou o tenente Carlos.

Como segmento de uma atividade heterogênea, o trabalho de patrulhamento do Paranoá é feito diariamente. Segundo o sargento Jesus, o contato com os usuários do Lago é feito com o objetivo de preveni-los dos perigos. Os pescadores, por exemplo, são advertidos sobre a probabilidade de acidentes durante a pesca com tarrafa — rede — que aliás é proibida pela Sudepe. "Porém, nós não retemos as tarrafas", observou Jesus.

Os velejadores são advertidos sobre a utilização de coletes salva-vidas e as dificuldades com as marolas provocadas pelas lanchas e embarcações a vela. Tendo na memória passagens trágicas no Paranoá, o sargento ressalta a filosofia do Grupo, afirmando que a atividade preventiva "evitará que a gente resgate cadáveres, ao invés de salvar vidas".